

Tudo certo: saem US\$ 6 bilhões

O Brasil deverá receber dos bancos credores US\$ 6 bilhões em dinheiro novo, incluindo os US\$ 3 bilhões do acordo provisório do final do ano passado, mais US\$ 600 milhões de benefícios dos juros menores. O spread será igual ao do México, de 0,8125

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

NOVA YORK — Quando partiu para atender à convocação do comitê assessor dos bancos credores, na tarde de ontem, o diretor da área de dívida externa do Banco Central, Antônio de Pádua Seixas, estava mais otimista do que sempre: "Talvez saia um acordo", ele admitiu, pela primeira vez nestas longas negociações. "Posso dizer que nossas diferenças estão convergindo", ainda acrescentou Seixas.

Em Nova York, o clima parecia propício ao anúncio do fim da novela das negociações, que começou em 13 de outubro, depois de uma primeira reunião em setembro: o Citibank, num gesto interpretado como demonstração de "uma nova

boa vontade", passava para 60 dias seus cerca de US\$ 2 bilhões das linhas de curto prazo, que estavam a 30 dias, desde a moratória, há um ano (ver ao lado).

Em Washington, onde também se esperava um desfecho das negociações da dívida para qualquer momento, um funcionário do governo confirmava para *O Estado*: "Até onde sabemos, os bancos darão mais do que pretendiam, e o Brasil receberá menos do que queria. Serão US\$ 6 bilhões em dinheiro novo (incluindo os US\$ 3 bilhões do acordo provisório fechado no final do ano passado), mais cerca de 600 milhões de benefícios dos juros menores. O spread ficará como o do México, 13/16, ou 0,8125".

Para esta fonte, que acompa-

nha as negociações desde o início, "um acordo, em Nova York, não significará o fim do caminho, pois Milliet e Nóbrega terão que vender o pacote no Brasil, enquanto o comitê de assessoramento dos bancos terá que vendê-lo a todos os credores. A experiência com México e Equador

mostra que a tarefa não vai ser fácil".

O porta-voz do comitê assessor dos bancos credores não esperava nenhuma declaração para ontem à noite, e partiu antes que a reunião entre Seixas e os banqueiros se en-

Citi amplia prazo de crédito

O Citibank ampliou desde ontem de 30 para 60 dias o prazo de renovação das linhas de crédito de curto prazo oferecidas às empresas brasileiras para o financiamento de importações e exportações. Essa ampliação, confirmada por uma fonte do banco em São Paulo, representa um claro indicio da normalização das relações do Brasil com a comunidade financeira internacional.

"A confiança no Brasil aumentou

dramaticamente", disse a fonte. As linhas de curto prazo são uma espécie de oxigênio que mantém o ritmo das importações e exportações brasileiras. Nos dias mais críticos do relacionamento entre o Brasil e os bancos, após a moratória, os prazos de renovação tinham sido reduzidos para uma semana ou até para um dia em alguns casos. Seguindo o Citi, que tem US\$ 2 bilhões nas linhas de curto prazo, outros bancos deverão também ampliar os prazos nos próximos dias.

cerrasse. Isso porque, como explicou, ela levaria pelo menos duas horas para ser redigida, tendo que passar pela aprovação de todos antes de divulgada.

Um banqueiro de Nova York, reagindo ao comunicado do Citicorp, o maior credor do Brasil, de que seus empréstimos a curto prazo passavam para 60 dias, explicou que "isso só tem uma consequência prática: acaba com a grande mão-de-obra que era rolar a dívida a cada 30 dias".

Este banqueiro lembrou que no começo da moratória um outro grande banco, o Morgan, passou suas linhas de curto prazo, num total de um bilhão, para o overnight, "e ninguém imagina o que era trabalhar com isso todos os dias". Agora, ele espera que todos os outros

sigam o exemplo do Citicorp, "já que o clima mudou, um acordo da dívida está ao alcance das mãos, e o Brasil recomeçou a pagar seus juros atrasados".

A expectativa, entre banqueiros, é de que, tão logo seja alcançado um acordo, que depende da fixação do montante e do spread, o Brasil faça um novo pagamento, atualizando os juros de janeiro, dos quais ainda deve US\$ 580 milhões, a serem extraídos de suas próprias reservas cambiais, e acabe fevereiro em dia, saldando cerca de US\$ 200 milhões. O ministro Mailson da Nóbrega, em sua visita aos Estados Unidos, prometeu que pagaria até março, mas que a partir daí precisaria da ajuda dos bancos, na forma de um empréstimo-ponte, para continuar em dia.